

A LITERATURA GÓTICA EM EDGAR ALLAN POE E LYGIA FAGUNDES TELLES: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS CONTOS “O CORAÇÃO DELATOR” E “VENHA VER O PÔR DO SOL”

Ana Clara Silva dos Santos¹
Maria Pricila Miranda dos Santos²

RESUMO: O presente artigo busca traçar um panorama histórico sobre a literatura gótica com base em teorias e pesquisas realizadas por Botting (2014), Punter (2016), Lovecraft (2020), Todorov (2010), Stevens (2000), Freitas (2019) e García (2023). Dessa forma, discutindo também como esse tipo de literatura surgiu na esfera brasileira e na internacional, além de apontar o que leva os contos “O Coração Delator”, de Edgar Allan Poe, e “Venha ver o pôr do sol”, de Lygia Fagundes Telles, a serem categorizados como obras literárias de terror. Em adição, a fim de construir uma análise comparativa entre os dois contos, são evidenciadas as principais características que estão presentes na literatura gótica, como o mistério, o medo e o terror psicológico. Afinal, tais aspectos estão inseridos nos contos de Poe e Telles e, por isso, abrem espaço para que uma ponte de semelhanças seja criada entre a escrita dos dois autores.

Palavras-chave: Literatura gótica. Comparação. Contos. Horror.

ABSTRACT: The current study seeks to define a historical overview of gothic literature based on theories and research made by Botting (2014), Punter (2016), Lovecraft (2020), Todorov (2010), Stevens (2000), Freitas (2019) and García (2023). Discussing thus how this type of literature emerged in the international and national scope, as well as pointing out the reasons why “O Coração Delator”, by Edgar Allan Poe, and “Venha ver o pôr do sol”, by Lygia Fagundes Telles, are being categorized as literary works of horror. In addition, the main characteristics of gothic literature, such as mystery, fear, and psychological terror, are highlighted to build a comparative analysis between the two short stories. Finally, such aspects are embedded in Poe’s and Telles’s short stories and, for this reason, they leave room to create a bridge of similarities between the two authors.

3562

Keywords: Gothic literature. Comparison. Short stories. Horror.

I. INTRODUÇÃO

A literatura gótica, segundo Botting (2014), tem em seu repertório temas obscuros e que desafiam a moral comum. Os textos góticos possuem o horror como matéria-prima, corroborando com o mistério, a monstruosidade e o medo, para explorar aspectos psicológicos de personagens.

¹Graduanda em Letras/Inglês na Universidade Federal de Pernambuco.

²Docente do programa de Pós-Graduação em Ciência da Educação pela Veni Creator Christian University.

Nesse viés, a escolha do tema se deu a partir da observação do gótico dentro das literaturas de Edgar Allan Poe e Lygia Fagundes Telles. Dessa forma, a partir da análise dos contos “O Coração Delator” e “Venha ver o pôr do sol”, foi possível construir um estudo comparativo com o objetivo de apontar semelhanças nas obras pertencentes aos dois autores.

Portanto, os autores criam uma ponte em suas escritas, utilizando do insólito, do suspense e da quebra de expectativa para construir o terror psicológico. Desta maneira, compartilhando o mesmo objetivo de explorar aspectos sombrios para tirar o leitor de sua zona de conforto.

1. CONCEITUANDO A LITERATURA GÓTICA

Por volta do século XVIII, foi publicada a obra “O Castelo de Otranto” do autor Horace Walpole, considerada o marco inicial da literatura gótica. Nessa mesma época, o escritor inglês William Beckford veio a publicar seu romance gótico intitulado “*Vathek*, o Califa Maldito”. Subsequentemente, mais autores inclinados a esse conceito literário passaram a surgir como uma resposta aos movimentos culturais vigentes daquele período, dentre eles: Ann Radcliffe, Mary Shelley, Matthew Lewis e Clara Reeve (Punter, 2013). A partir de 1891, já no século XIX, escritores como Oscar Wilde e Bram Stoker produziram obras renomadas que provocaram uma ascensão no Gótico, introduzindo novas características.

No Brasil, a narrativa gótica não obteve um momento específico, mas esteve presentes em obras de escolas literárias como o Romantismo. A segunda geração romântica, também denominada “Mal do século” ou “Ultrarromântica”, foi marcada por temáticas de morte, pessimismo, fuga da realidade e subjetivismo exacerbado, que também estão presentes na literatura gótica. Mais precisamente, Lord Byron agiu como grande influência desse período. Seu modo de vida boêmio juntamente a sua literatura romântica e pessimista contribuiu para a segunda geração do Romantismo, também conhecida como “Geração Byroniana”.

É possível caracterizar a literatura gótica como um mergulho nas profundezas do inconsciente do psicológico humano; os medos, vícios e obsessões incontroláveis presentes nesse. Mas então ergue-se o seguinte questionamento: *essas emoções não estão presentes em qualquer obra literária?* A resposta é sim. Entretanto, tais aspectos são mais protuberantes dentro da estética gótica, o que diferencia obras como “Orgulho e Preconceito” de Jane Austen e “O Romance da Floresta” de Ann Radcliffe. Os dois livros contêm perspectivas

românticas e o realce de emoções advindas de situações da narrativa, mas, enquanto um tem seu foco centralizado no romantismo social, o outro procura evidenciar o mistério e o suspense.

De acordo com Fred Botting (2014), em seu estudo sobre o Gótico:

Gothic texts are, overtly but ambiguously, not rational, depicting disturbances of sanity and security, from superstitious belief in ghosts and demons, displays of uncontrolled passion, violent emotion or flights of fancy to portrayals of perversion and obsession.³ (Botting, 2014, p. 2)

À vista disso, o Iluminismo surge em meados de XVIII, sendo uma época marcada pela razão e pensamentos filosóficos que tinham como objetivo refutar as ideologias religiosas. A literatura gótica nasceu em contraponto às ideias iluministas, abraçando a irracionalidade, a fantasia e o sobrenatural com a finalidade de ultrapassar a moral dentro da “Idade das Luzes” e criar interpretações além do natural e da realidade. Em adição, “o contraste entre luz e escuridão, positivo e negativo em convenções, contextos e personagens [...]”⁴ (Botting, 2014) é algo bastante evidente em textos góticos.

1. O GÓTICO EM EDGAR ALLAN POE

Uma das principais contribuições dentro desse conceito foi o escritor e poeta americano Edgar Allan Poe, mas conhecido por seus contos “O Corvo”, “O Coração Delator” e “A Queda da Casa de Usher”. Sua literatura é rica em mistério, macabro e loucura, encarando a obscuridade do psicológico perturbado de seus protagonistas enquanto transmite emoções inerentemente humanas para o ambiente em que a narrativa de seus contos ocorrem.

Textos góticos são, abertamente mas ambiguamente, não racionais, retratando perturbações de sanidade e segurança, de crenças supersticiosas em fantasmas e demônios, exibições de paixões incontroláveis, emoção violenta ou vôos de fantasia à retratos de perversão e obsessão. (Botting, 2014, p. 2) Texto original: “The interplay of light and dark, positive and negative, is evident in the conventions, settings, characters [...]”

Em “O Coração Delator”, conto de Poe publicado em 1843, a história é contada através de um narrador em primeira pessoa que entra em uma discussão com o leitor tentando convencê-lo de que ele não está louco por ter cometido um ato hediondo. A narrativa introduz uma série de eventos que ocorrem em um período de sete noites. Primeiramente, o narrador deixa explícito a principal razão de suas ações: o olho do velho;

a que ele se refere da seguinte forma “Um de seus olhos se parecia com o de um abutre [...]” (Poe, 2021, p. 92). A sua obsessão para se livrar desse elemento é enfatizada durante todo o conto, além de sua adoração com o velho, logo de início no verso “Eu amava o velho. Ele nunca me fez nada de errado. Ele nunca me insultou.” (Poe, 2021, p. 92).

Nesse mesmo viés, o protagonista confirma sua sanidade continuamente para logo depois descrever seu plano de matar o velho. Levando em consideração a instabilidade do personagem, é notável o contraste entre a loucura e a sanidade de forma constante no enredo:

E agora, pronto! Pensa que estou louco. Os loucos não sabem de nada. Mas devia ter-me visto. Devia ter visto com que cautela agi, com que precaução, com quanta dissimulação meti mãos à obra! Nunca me mostrei mais bondoso para com o velho que durante toda aquela semana que antecedeu o assassinato (Poe, 2021, p. 92).

Poe também capricha em suas descrições de forma nítida e precisa, deixando claro o conceito presente em textos góticos mencionado por Botting (2014, p. 3) e trazendo à tona a agonia, a perturbação e a fúria do personagem para com o olho do velho:

Estava aberto — aberto, escancarado, e a fúria invadiu-me mal o vi.
Vi-o com uma nitidez perfeita — todo aquele azul baço, coberto com o véu horrível que me gelava até a medula dos meus ossos; mas não consegui ver mais nada do rosto ou do corpo do velho; porque, como que por instinto, apontara o raio de luz precisamente para o ponto maldito (Poe, 2021, p. 94).

O marco da literatura gótica é justamente a abertura para as inúmeras possibilidades de interpretação. Nessa concepção, os medos são abordados em sua forma mais natural, bruta, e sem espaço para camuflagem. Assim como argumenta H.P. Lovecraft:

Quando se sobrepõe a esse senso de medo e de mal o inevitável fascínio do maravilhoso e da curiosidade, nasce um conjunto composto de emoção aguda e provocação imaginativa cuja vitalidade deve necessariamente durar enquanto existir a raça humana (Lovecraft, 2020, p. 17).

O conto expõe, ainda, a paranóia do personagem após ter sucesso em seu plano original reafirmando o seus “sentidos aguçados” como justificativa para suas ações excêntricas. Além de introduzir mais um personagem inanimado além do “olho de abutre”: o coração pulsante.

Lembra-se de eu ter dito que aquilo que tomou por loucura não é senão uma hiperacuidade dos sentidos? Ora bem, chegou-me então aos ouvidos um som baixo, rápido e abafado, como o de um relógio embrulhado em algodão. Também esse som eu conhecia. Era o bater do coração do velho. Aumentou a minha fúria como o rufar de um tabor estimula a coragem do soldado (Poe, 2023, p. 94).

Temáticas como a morte, o enlouquecimento, a alienação, o amor e a perda são recorrentes na escrita de Poe. Como foi mostrado em “O Coração Revelador”, e em várias de suas outras obras, grande parte de seus personagens sofrem de instabilidade psicológica e/ou surtos psicóticos causados por algum fator dentro da narrativa. Além de mergulhar em

uma atmosfera misteriosa e sinistra, marcada pelo desajuste de locais decadentes que aumentam a sensação do desconhecido. “O Diabo no Campanário”, “A Queda da Casa de Usher” e o “O Gato Preto” são exemplos disso.

A metáfora, a comparação e a sinestesia estão presentes não apenas em seus contos, mas também na sua poesia. Em “O Coração Revelador”, o elemento comparativo “como” é um exemplo no seguinte verso “Ora bem, chegou-me aos ouvidos um som baixo, rápido e abafado, como o de um relógio embrulhado em algodão” (Poe, 2023, p. 94). Por esta razão, também é importante observar que seus textos carregam uma certa musicalidade e estilização, remetendo o leitor à seus poemas que também carregam essas características.

Visto isso, Edgar Allan Poe é conhecido como uma das principais referências da literatura gótica, suas descrições grotescas são algo que atraem o leitor, por fugir de sua realidade racional, na mesma medida que causa hesitação ao virar para a próxima página.

1.2 O gótico em Lygia Fagundes Telles

Lygia Fagundes Telles nasceu em São Paulo no ano de 1923 e com apenas quinze anos, em 1983, publicou seu primeiro livro de contos, “Porão e Sobrado” (Ribas, p. 10). Ficou conhecida por ser uma das principais referências da terceira geração do Modernismo, a geração de 45, no século XX, ao lado de Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto, João Guimarães Rosa e Ariano Suassuna.

A sua escrita caminhou para o Gótico ao publicar seu conto “Venha ver o pôr do sol” em uma coletânea com o mesmo título, no ano de 1988, através da editora Ática. O conto trás um enredo em terceira pessoa que gira em torno de dois ex-namorados, Raquel e Ricardo. Tudo tem início quando Ricardo convida Raquel para um último encontro no cemitério para mostrar “o pôr do sol mais lindo do mundo” (Telles, 2007, p. 12).

Inicialmente, a autora faz o detalhamento de construções, ruas e da vegetação da área, construindo o espaço para introduzir os personagens. Pode-se notar, também, algumas pistas minuciosas da intenção de um dos personagens e o que isso pode, futuramente, acarretar na história.

— Mas me lembrei deste lugar justamente porque não quero que você se arrisque, meu anjo. Não tem lugar mais discreto do que um cemitério abandonado, veja, completamente abandonado — prosseguiu ele, abrindo o portão. Os velhos gonzos geramam. — Jamais seu amigo ou um amigo do seu amigo saberá que estivemos aqui (Telles, 2007, p. 13).

Nesse sentido, começa a se formar o mistério acerca da trama, junto com a personagem “Raquel” o leitor passa a desconfiar da real intenção de seu ex-namorado e

porque os dois estão em um cemitério abandonado. É apenas ao fim do conto, que é revelado a verdade por trás do encontro planejado por Ricardo, além da plurissignificação dentro de “último encontro” e de “o pôr do sol mais lindo do mundo” (Telles, 2007).

[...] Um baque metálico decepcionou-lhe a palavra pelo meio. Olhou em redor. A peça estava deserta. Voltou o olhar para a escada. No topo, Ricardo a observava por detrás da portinhola fechada. Tinha seu sorriso meio inocente, meio malicioso.

— Isto nunca foi o jazigo de sua família, seu mentiroso! Brincadeira mais cretina! — exclamou ela, subindo rapidamente a escada. — Não tem graça nenhuma, ouviu?

Ele esperou que ela chegasse quase a tocar o trinco da portinhola de ferro. Então deu uma volta à chave, arrancou-a da fechadura e saltou para trás.

— Ricardo, abre isto imediatamente! Vamos, imediatamente! — ordenou, torcendo o trinco. — Detesto este tipo de brincadeira, você sabe disso. Seu idiota! É no que dá seguir a cabeça de um idiota desses. Brincadeira mais estúpida!

— Um réstia de sol vai entrar pela frincha da porta, tem uma frincha na porta. Depois vai se afastando devagarinho, bem devagarinho. Você terá o pôr do sol mais belo do mundo. [...] (Telles, 2007, p. 24).

O desfecho do conto deixa transparente as características do gótico, primeiramente na descrição do ambiente em que a personagem se encontra e do sentimento de pavor e desespero que ela exhibe como reação do que ocorre. Consoante à Botting (2014), tanto heróis como vilões ou antagonistas são colocados em situações em que as regras regidas pelo “normal” estão suspensas enquanto a história ocorre. As convenções são constantemente testadas, o que gera contrastes de segurança e perigo, terror e prazer, calma e perturbação, por exemplo.

O interessante na obra de Telles, é a apresentação de personagens reais que não necessariamente contêm características de herói ou de vilão, mas sim aspectos tanto positivos quanto negativos, criando um espaço mais abrangente para a interpretação do conto.

Destarte, é pertinente observar a plurissignificação e o soturno presente na escrita de Lygia Fagundes Telles, não apenas em “Venha ver o pôr do sol” mas como também em outras de suas obras, com a adição do simbolismo, em seu conto intitulado “Emanuel” (1998); das metáforas, em seu conto “A Caçada” (1965); da comparação e do subjetivismo, como a influência das emoções na construção do cenário dentro da maioria de seus contos; e, por fim, o grotesco, em “As Formigas” (1951) e em “O Dedo” (1977).

1. O GÓTICO EM EDGAR ALLAN POE E LYGIA FAGUNDES TELLES

Diante do exposto, Edgar Allan Poe e Lygia Fagundes Telles são dois autores renomados em suas áreas de escrita. Apesar de um ter suas obras vinculadas à segunda

geração do Romantismo e a outra fazer parte da terceira geração do Modernismo, é inevitável não notar temas recorrentes como morte, insatisfação, grotesco, sobrenatural, e sobretudo o subjetivismo, em suas respectivas literaturas.

As semelhanças surgem a partir do fato de que os dois autores estão inseridos na literatura gótica. Dentro dos enredos de “O Coração Revelador” e de “Venha Ver o Pôr do Sol”, há aspectos que entrelaçam suas escritas. O primeiro e mais explícito, de uma forma mais geral, é a presença do insólito. García (2011) argumenta:

Entenda-se insólito por algum elemento da narrativa que não se apresenta de modo coerente com a realidade exterior, universo racional do leitor real, conforme o senso comum estabelecido no convívio social. Essa dúvida é consequentemente transmitida ao leitor real, no ato de leitura, que, junto aos seres de papel, hesita entre possíveis explicações – de caráter ôntico ou ontológico, físico ou metafísico, empírico ou meta-empírico (García, 2011).

Portanto, esse aspecto torna-se presente desde a exploração de tópicos que não são abordados com continuidade na literatura, mas que são inusitados, desconhecidos e que têm como objetivo despertar a estranheza no leitor.

Dentro disso, entra o conceito de literatura fantástica. Como dizia Tzvetan Todorov (1975) em seu livro “Introdução à Literatura Fantástica”, o fantástico:

Ocupa o tempo desta incerteza. Assim que se escolhe uma das duas respostas, deixa-se o terreno do fantástico para entrar em um gênero vizinho: o estranho ou o í6 maravilhoso. O fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural (Todorov, p.15-16, 1975).

Então, pode-se afirmar que a literatura fantástica é um mundo que faz parte da imaginação, em que as narrativas desse gênero são marcadas pelas incertezas e pelo maravilhoso. Assim, “a relação entre o real e o imaginário” (Todorov, 1975).

Outro aspecto presente é o suspense, tanto na escrita de Poe quanto na escrita de Telles eram trazidas à tona tramas narradas por personagens com a mente fértil e o psicológico abalado. Dentro disso, os atores sempre expõem pistas que apontam para a perda da sanidade de seus personagens dentro de algum momento do enredo. A ambientação é composta por motivações e até justificativas das ações do narrador, que fazem com que o leitor passe a confiar no que está sendo exposto. Entretanto, há a quebra de expectativa, pois os personagens nunca agem como o esperado. Isso fica evidente no seguinte trecho de “Venha ver o pôr do sol”, quando Ricardo prende Raquel na catacumba após o casal descer as escadas de uma capela abandonada:

— Mas está tão desbotado, mal se vê que é uma moça... — Antes da chama se apagar, aproximou-a da incrição feita em pedra. Leu em voz alta, lentamente: — Maria Emília, nascida em vinte de maio de mil e oitocentos e falecida... — Deixou

cair o palito e ficou un instante imóvel. — Mas esta não podia ser sua namorada, morreu há mais de cem anos! Seu menti... Um baque metálico decepou-lhe a palavra no meio. Olhou em redor. A peça estava deserta. Voltou a olhar para a escada. No topo, Ricardo a observava por detrás da portinha fechada. Tinha seu sorriso meio inocente, meio malicioso.

[...] — Uma réstia de sol vai entrar pela frincha da porta, tem uma frincha na porta. Depois vai se afastando devagarinho, bem devagarinho. Você terá o pôr do sol mais belo do mundo. [...] (Telles, 2007, p. 24).

A mesma questão surge em “O Coração Delator”, quando o narrador expõe sua confiança exacerbada ao receber a polícia e ser questionado sobre o aparadeiro do velho na casa do mesmo.

Sorri — o que tinha eu a temer? Dei-lhes as boas-vindas. O grito, disse, fora eu que o soltara em sonhos. O velho, acrescentei, andava em viagem. Acompanhei os visitantes por toda a casa. Disse-lhes que vissem tudo — que vissem bem. Levei-os, finalmente, ao quarto dele. Mostrei-lhes os seus tesouros, perfeitamente seguros, perfeitamente em ordem. [...] Era cada vez mais forte, mais forte, mais forte! E os homens continuavam a conversar amavelmente e sorriam. Seria possível que não ouvissem? [...] Não podia mais suportar mais aqueles sorrisos hipócritas! Senti que ia gritar ou morrer! E agora! Outra vez, ouça, lá está: mais forte, mais forte, mais forte, mais forte! — Miseráveis! — gritei —, não finjam mais! Confesso! Arranquem essas pranchas! Aqui... aqui...! É o bater do seu horrendo coração! (Poe, 2021, p. 96)

Entretanto, a quebra de expectativa ocorre quando a latente certeza do narrador é destruída devido as batidas do coração da vítima que ele acredita estar ressonando por todo o quarto. Finalmente, ele confessa o que fez.

O terror psicológico é uma temática marcante dos dois autores. Em o “O Coração Delator”, Poe expõe a simbologia ao descrever o olho como um portal para a alma de um indivíduo, comparando-o com o diabólico e, posteriormente, é justificado o assassinato do velho. A agonia dentro das revelações do narrador segue o leitor até o fim do enredo. Telles aborda algo semelhante em “Venha Ver o Pôr do Sol” com a presença de um personagem, Ricardo, que também orquestrou um plano sombrio para acabar com a vida de outra pessoa, Raquel, sua ex-namorada.

Nesse viés, os dois enredos abordam o sadismo e a dissimulação no comportamento dos personagens enquanto realizam planos, de forma explícita ou não, para atingir outros indivíduos. Dessa forma, tanto Ricardo em “Venha ver o pôr do sol” quanto o narrador anônimo de “O Coração Delator” extrapolam a conduta normativa de uma sociedade. Portanto, o que interliga os dois contos é a frieza e a meticulosidade com que se é realizado as ações dos personagens durante o enredo até seu desfecho, além de, claro, do elemento da surpresa.

I. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto Telles quanto Poe procuram extrair elementos primordiais da literatura gótica ao abordar o horror. Isso provoca questionamentos no leitor devido ao estranhamento causado pelas ações grotescas de seus personagens, como pode-se observar em “O Coração Delator”. Além de cenas que constroem o suspense até o momento de revelação das reais motivações de um personagem, contribuindo assim para uma reviravolta inesperada, como ocorre no final do conto “Venha ver o pôr do sol”.

Destarte, é pertinente que Lygia Fagundes Telles e Edgar Allan Poe compartilhem estilos semelhantes dentro da literatura gótica, pois suas obras possuem temáticas inusitadas e ameaçadoras que o gênero carrega. Apesar da divergência entre a escolha de narradores — Telles escreve “Venha ver o pôr do sol” em terceira pessoa, enquanto Poe escolhe a primeira pessoa para narrar “O Coração Delator” — eles têm o mesmo objetivo: surpreender o leitor por meio do temor, do irracional e do fantástico.

REFERÊNCIAS

ALLAN POE, Edgar. **The tell-tale heart and other writings**. [s.l.] Bantam Classics, 1983. *E-book*. p. 1-13.

ALLAN POE, Edgar. **Gato Pretos e Outros Contos Extraordinários**. [s.l.] Camelot Editora, 2023.

BOTTING, Fred. **Gothic**. London; New York: Routledge, 2014.

FREITAS, Sérgio Luiz Ferreira de. **A compreensão da literatura gótica na história da literatura brasileira e as bases para sua reavaliação**. *Muitas Vozes*, v. 7, n. 2, p. 467-486, 14 mar. 2019.

GARCÍA, Flávio. **Fantástico: a manifestação do insólito ficcional entre modo discursivo e gênero literário – literaturas comparadas de língua portuguesa em diálogo com as tradições teórica, crítica e ficcional**. Acesso em: 26 jul. 2023. Disponível em: <https://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0010-1.html>

LOVECRAFT, H. P. **O horror sobrenatural em literatura**. [s.l.] Iluminuras, 2020.

PUNTER, David. **Literature of terror. 1: a history of gothic fictions from 1765 to the present day: The Gothic Tradition**. London: Routledge, 2016.

RIBAS, Veridiana Valeska. **O jogo entre a representação realista e o fantástico nos contos da obra Mistérios, de Lygia Fagundes Telles**. 2022. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Ponta Grossa. 2022.

STEVENS, David. **The gothic tradition**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2000.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.

TELLES, Lygia Fagundes. **Venha ver o pôr do sol e outros contos**. [s.l.] Ática, 2007. p. 12-24